



VIZINHOS DE ISRAEL – PARTE II: CANANEUS, FENÍCIOS E ARAMEUS

Introdução

A história de Israel no Antigo Testamento não se desenvolveu isoladamente. O povo escolhido nasceu, cresceu e consolidou sua fé em constante relação com as civilizações vizinhas. O contato com outros povos, ora pacífico, ora conflituoso, foi parte essencial da pedagogia divina: através dessas relações, Israel aprendeu a distinguir o verdadeiro culto do sincretismo, a confiar em Deus e não em alianças políticas, e a compreender sua vocação como povo santo no meio das nações. Entre esses povos destacam-se os fenícios, arameus e cananeus, cada um com características próprias e profunda influência cultural, política e religiosa sobre a terra de Israel.

1. Cananeus, antigos habitantes da Terra Prometida

Os cananeus foram os habitantes originais da terra onde Israel mais tarde se estabeleceu. Quando Abraão foi chamado por Deus a sair da sua terra, parou na terra onde habitavam os cananeus (cf. Gn 12,6). A designação “Canaã” abrangia um conjunto de cidades-estado que se estendiam desde a costa do Mediterrâneo até o vale do Jordão, como recorda o catálogo das nações cananeias em Gn 10,15-19. Sua civilização floresceu já no terceiro milênio antes de Cristo e possuía forte caráter urbano e comercial. As escavações arqueológicas em Jericó, Megido e Hazor confirmam uma cultura material avançada, com arquitetura sólida, escrita pictográfica e religião politeísta,

frequentemente associada na Bíblia ao culto de Baal e Aserá: “Abandonaram o Senhor e serviram a Baal e Astarte” (cf. Jz 2,13).

A convivência entre israelitas e cananeus foi tensa desde o início. O livro de Josué apresenta a conquista de Canaã como realização da promessa feita a Abraão: “Darei à tua descendência esta terra” (Gn 12,7; cf. Js 1,2-6). Contudo, os textos seguintes, especialmente o livro dos Juízes, revelam que a ocupação foi gradual e incompleta e que os israelitas não expulsaram os cananeus que habitavam a terra (cf. Js 16,10; Jz 1,27). Muitos cananeus permaneceram nas cidades, e Israel conviveu com eles, às vezes adotando costumes e práticas religiosas locais, como denunciavam os profetas: “Eles tomaram suas filhas por esposas e serviram seus deuses” (Jz 3,6). Essa influência provocou frequentes chamadas à conversão, pois o sincretismo religioso era visto como a maior ameaça à fidelidade da Aliança: “Não terás outros deuses diante de mim” (Ex 20,3).

Do ponto de vista histórico, os cananeus foram progressivamente assimilados ou derrotados pelos reinos vizinhos, sobretudo com a chegada dos povos do mar, e mais tarde dos arameus e fenícios. Porém, a cultura cananeia deixou marcas profundas na língua hebraica, na poesia e no imaginário bíblico. Muitas imagens dos Salmos, como o domínio de Deus sobre o mar caótico (Sl 89,10; Sl 74,13-14), dialogam com símbolos antigos da mitologia cananeia. Assim, apesar de sua identidade política desaparecer, o mundo cananeu permanece como pano de fundo cultural da Bíblia, mostrando como Deus “inscreve a sua revelação na história” (cf. Dt 32,7), purificando e transformando uma realidade humana para comunicar sua promessa.

2. Fenícios, mestres do mar e da diplomacia

Ao norte de Israel, entre o mar Mediterrâneo e as montanhas do Líbano, desenvolveu-se a refinada civilização dos fenícios, célebres navegadores e comerciantes da Antiguidade. Suas principais cidades, Tiro, Sidônia e Biblos, já são citadas na Bíblia como centros poderosos (cf. Js 19,28; Ez 27). Fundadas provavelmente entre os séculos XII e XI a.C., essas cidades herdaram tradições cananeias e as adaptaram ao comércio marítimo. Os fenícios criaram uma vasta rede de rotas comerciais que alcançava o norte da África (Cartago), a Sicília, Chipre e até o sul da Espanha (Társis, cf. Sl 48,8; Is 23,1), difundindo sua cultura, artesanato e escrita. O famoso alfabeto fenício, simples e funcional, influenciou diretamente o hebraico, o grego e, por consequência, o nosso alfabeto ocidental.

A relação entre Israel e os fenícios foi, em diversos momentos, pacífica e cooperativa. A Bíblia recorda com destaque a amizade entre Hiram, rei de Tiro, e a casa de Davi: “Hiram, rei de Tiro, enviou mensageiros a Davi, com madeira de cedro, carpinteiros e pedreiros, e construíram um palácio para Davi” (2Sm 5,11). Mais tarde, essa colaboração se intensificou com Salomão: “Hiram forneceu a Salomão madeira de cedro e madeira de cipreste, tanto quanto queria” (1Rs 5,24). Dessa parceria nasceu parte do esplendor artístico e arquitetônico do Templo de Jerusalém, cuja construção envolveu artesãos e materiais fenícios (cf. 1Rs 7). Esse intercâmbio promoveu grande prosperidade ao reino e introduziu em Israel novas técnicas de navegação, construção e metalurgia.

Entretanto, o contato estreito também trouxe riscos espirituais. A Bíblia narra que Jezabel, filha de Etbaal, rei de Sidônia, ao se casar com Acab, rei de Israel, introduziu o culto a Baal e ergueu um poste sagrado para Aserá (cf. 1Rs 16,31-33). Essa influência religiosa fenícia, brilhante culturalmente, mas marcada pela idolatria, desencadeou uma das maiores crises espirituais da história de Israel. É nesse contexto que surgiu o profeta Elias, cuja missão foi confrontar diretamente o culto de Baal e reconduzir Israel à fidelidade da Aliança: “Até quando andareis pulando para um e para outro lado? Se o Deus verdadeiro é o Senhor, segui-o, mas, se é Baal, segui a ele” (1Rs 18,21). A disputa no Monte Carmelo, com o triunfo de Elias sobre os profetas de Baal (cf. 1Rs 18,36-39), simboliza o embate entre a fé javista e o atrativo cultural-religioso fenício.

Assim, embora os fenícios tenham exercido influência positiva nas artes, na escrita e no comércio, sua presença também trouxe um desafio espiritual constante. A história bíblica mostra que a convivência com uma civilização rica e cosmopolita exigia de Israel discernimento e profundidade na fé: “Israel é minha herança” (Jr 2,3). O Senhor, e não as nações vizinhas, é quem deveria orientar sua vida e sua identidade.



3. Arameus, entre a guerra e a aliança

Os arameus eram povos de origem semita. Habitavam a região correspondente à atual Síria, ao norte de Israel. Sua principal cidade era Damasco, mencionada na Bíblia como um dos centros urbanos mais antigos e influentes do Oriente Próximo (cf. Gn 14,15; 1Rs 11,24). Entre os séculos XI e IX a.C., os arameus formaram diversos reinos independentes, sendo o mais poderoso Aram-Damasco, que frequentemente entrou em confronto militar com Israel e Judá. A Bíblia recorda repetidas tensões: “Ben-Hadad, rei de Aram, reuniu todo o seu exército... e cercou Samaria” (1Rs 20,1), mostrando como a ameaça aramaica marcou profundamente o reino do Norte.

Os arameus aparecem na Escritura ora como adversários, ora como aliados temporários. O rei Ben-Hadad travou várias guerras contra Acab e Jorão (cf. 1Rs 20; 2Rs 6–7), enquanto outros episódios revelam uma relação mais ambígua, incluindo pactos e tratados (cf. 1Rs 15,18-20). Contudo, a Bíblia também mostra que Deus age além das fronteiras de Israel. Um dos relatos mais belos é o de Naamã, comandante do exército de Damasco, que, leproso, foi purificado e ficou como a pele de uma criança após seguir a palavra do profeta Eliseu (cf. 2Rs 5,14). A cura de um estrangeiro, pagão e inimigo político demonstra a universalidade da misericórdia divina, tema retomado por Jesus ao citar esse episódio na sinagoga de Nazaré (Lc 4,27).

Com o avanço do império assírio, os reinos arameus foram conquistados e absorvidos (cf. 2Rs 16,9). Paradoxalmente, embora politicamente derrotados, exerceram influência cultural muito profunda. Sua língua, o aramaico, tornou-se o idioma internacional do Oriente Médio, usado em comércio, diplomacia e vida cotidiana. A própria Bíblia menciona esse uso: “Por favor, fala com teus servos em aramaico, que nós entendemos perfeitamentge” (2Rs 18,26). Séculos mais tarde, o aramaico se tornaria a língua falada por Jesus, por seus discípulos e pelas primeiras comunidades cristãs. Palavras como Talita (Mc 5,41), Ephphatha (Mc 7,34), Abba (Mc 14,36) e Eli, Eli, lama sabactani (Mt 27,46) são expressões aramaicas preservadas nos Evangelhos.

Assim, um povo que em muitos momentos foi adversário de Israel tornou-se instrumento providencial na história da salvação. A difusão do aramaico preparou o terreno cultural para a pregação do Evangelho, permitindo que a Boa-Nova se comunicasse com rapidez e alcance. A história dos arameus lembra que Deus, soberano da história, pode transformar até os inimigos de ontem em canais de sua graça e de sua Palavra.

Conclusão

Fenícios, arameus e cananeus representam três dimensões fundamentais da convivência de Israel com seus vizinhos: a sedução cultural, a tensão política e o desafio religioso. Cada contato foi uma prova de fidelidade à Aliança. A história mostra que Israel aprendeu, entre guerras e trocas comerciais, a reconhecer que sua força não vinha da diplomacia nem da técnica, mas da presença do Deus vivo no meio do seu povo.

Esses encontros moldaram a identidade de Israel, preparando o caminho para a revelação plena: quando, na plenitude dos tempos, o Filho de Davi nascido em Belém falaria ao mundo numa língua aramaica e seria proclamado o verdadeiro Rei das nações.

Prof. Dr. Pe Marcelo Cervi

BIBLIOGRAFIA:

Bíblia de Jerusalém, São Paulo, Paulus, 2002.

Bíblia Sagrada. Tradução oficial da CNBB, 6ª ed. (2024), Brasília, CNBB, 2025.

Bíblia Sagrada Ave Maria. Edição de Estudos, 3ª ed., São Paulo, Ave Maria, 2012.

Bíblia. Palavra viva, São Paulo, Paulus, 2022.

A Bíblia, São Paulo, Paulinas, 2023.

Bíblia do Peregrino, São Paulo, Paulus, 2002.

Bíblia. Tradução ecumênica, São Paulo, Loyola, 1994.

Nova Vulgata. Bibliorum sacrorum editio, Editio typica altera, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 1998.

AAVV, *Dicionário enciclopédico da Bíblia*, São Paulo, Loyola – Paulinas – Paulus – Academia Cristã, 2013.

AAVV, *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia*. Vol. 4: Josué – Jueces – Rut – 1-2 Samuel. Madrid, Ciudad Nueva, 2005.

DONNER, H., *História de Israel e dos povos vizinhos*. v.1: Dos primórdios até a formação do Estado. São Leopoldo, Sinodal, 1997.

- GIL, J. – DOMÍNGUEZ, J., *Pórtico da Bíblia. Recursos didáticos para compreender a Bíblia: cronologias, mapas e gráficos de cada livro*, Jerusalém, Saxum, 2024.
- HARRINGTON, W., *Chave para a Bíblia: a revelação, a promessa, a realização*, 7ª ed., São Paulo, Paulus, 2004.
- KONINGS, J., *A Bíblia, sua origem e sua leitura. Introdução ao estudo da Bíblia*, 8ª reimp., Petrópolis, Vozes, 2024.
- LIVERANI, M., *Para Além da Bíblia: História antiga de Israel*, São Paulo, Paulus - Loyola, 2008.
- MEDEIROS, J.M., *Panorama da História da Bíblia*, 8ª ed., São Paulo, Paulus, 2003.
- REINKE, A.D., *Os outros da Bíblia: história, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino*, Rio de Janeiro, Thomas Nelson Brasil, 2023.
- VAUX, R., *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, São Paulo, Teológica, 2003.
- VON RAD, G., *Teologia do Antigo Testamento. Vol.1*, 2ª ed., Trad. Francisco Catão, São Paulo, Aste-Targumin, 2006.